

## DIA INTERNACIONAL DA MULHER

# CLUBE DO BOLINHA É COISA DO PASSADO!

**Foi-se o tempo que algumas funções eram exclusivas do mundo masculino; hoje, elas estão aí pra desbravar territórios**

**NATHÁLIA DE ALCANTARA**

**A**rregaçar as mangas e lutar por um espaço em uma área ou profissão basicamente masculina foi a escolha de mulheres que, com dedicação e empenho, conquistaram seu espaço.

Por isso, no Dia Internacional da Mulher, comemorado no domingo, o Expresso traz seis histórias que, por conta do preconceito, tiveram de ser as melhores no que se propuseram a fazer para ganhar a oportunidade de concorrer pelos mesmos cargos.

Aliás, um resumo do estudo de Estatísticas Gênero, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do ano passado, mostra justamente isso. Indica que as mulheres aumentaram sua presença no mercado brasileiro e estão com melhores condições de trabalho.

Por outro lado, lembra Céli Regina Pinto, autora do livro "Breve história do feminismo no Brasil", elas ainda estão em condições de desigualdade em relação aos homens em formalização e rendimento.

**Mentalidade**

Segundo a psicóloga

coordenadora do curso de MBA em Gestão de Recursos Humanos da UniSantos e diretora-executiva da empresa Espaço Santista RH, Rita de Cássia Zaher Rosa Paul, o mercado mudou e as pessoas começaram a perceber o poder da mulher, que vai além de ficar em casa.

"Não existe mais tanta culpa por ela conseguir se realizar profissionalmente. Existe delicadeza e emoção, além de toda a racionalidade. Não é preciso ser agressiva para conquistar seu espaço ou comandar uma equipe".

Por outro lado, há mais de 20 anos no mercado, Rita de Cássia diz que ainda existe certo preconceito para contratar mulheres para cargos de liderança.

"Mas os que escolhem as mulheres certamente experimentam uma nova maneira de liderança, um toque diferenciado".

Mesmo discurso é o da historiadora Penélope Lopes, que destaca criatividade, diplomacia e capacidade de dialogar como as principais características da mulher.

"Sempre defendi que elas não deveriam buscar ser um homem de saias, mas apostar em sua diferença e singularidade".



REYNOLDO/AGÊNCIA OLYMPIA

## Jaqueline ama elétrica por causa do pai

Vendo a mágica do pai, que fazia chuveiros e liquidificadores quebrados funcionarem como novos, que Jaqueline Lira Rodrigues decidiu tornar-se electricista de manutenção em equipamentos. Ela ainda estudava quando ele, que tinha o sonho de ter um menino e era pai de quatro meninas, morreu. Mas se ele visse o que a filha se tornou, certamente teria o coração cheio de orgulho. "Ele me deixou um legado. Sabia que eu tinha escolhido essa profissão por causa dele, apesar de todo o preconceito e discriminação, lá atrás, há 20 anos. E ele me apoiou, esteve ao meu lado. Aprendi que era preciso mostrar serviço para ganhar respeito". Aos 37 anos, ela é raridade na Libra, cuja função tem homens em sua maioria. No entanto, Jaqueline conta que está acostumada com isso, já que em todos os cursos que fez era sempre a única mulher. "O importante é gostar do que faz. E, na minha profissão, é tudo sempre diferente. Por mais que o equipamento seja o mesmo, as causas de um problema são sempre distintas. É preciso ter calma, pensar direito e achar soluções".

## Jucilene tira seu sustento do que cai na tarrafa

Filha de peixe, peixinha é. O amor pelo mar estava no sangue antes mesmo de Jucilene Ribeiro Simão nascer. Ela mal poderia imaginar, mas já estava traçada em seu destino a missão de manter a tradição do pai, o mais antigo pescador de Santa Cruz dos Navegantes. Hoje, assim como ele fez no passado, ela também ganha a vida em alto-mar. Para sustentar a casa, a pescadora profissional Jucilene ainda embarca no Jessé I, de 6 metros, ao lado do irmão. Já são quase 40 anos na água salgada. A saída, dentro do barco de motor de manivela, acontece por volta das 4h30 para jogar a tarrafa. O retorno para a terra acontece, no



REYNOLDO/AGÊNCIA OLYMPIA

máximo, às 10h. "É preciso ir bem cedo, porque assim que aparece o sol e esquenta o mar o peixe estraga mais rápido". Com saudade do tempo em que a pesca lhe rendia mais dinheiro, ela conta que "tirava" tanto marisco que o quintal de sua casa

é todo "aterrado" com a casca dele. "O mar é como a vida, depende da sorte. Podemos garantir até três tabuleiros de peixe ou nada. Tem dias que conseguimos tirar até uns R\$100,00. Em outros, não pagamos sequer óleo da embarcação".

# SER FRÁGIL É SÓ PARA AS FORTES

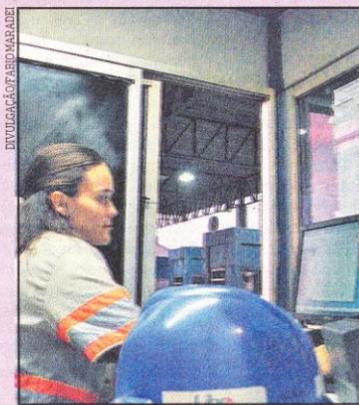
## Driblar o medo de cemitério e ganhar a vida sepultando corpos acabou com fantasmas de Cleia

NATHÁLIA DE ALCANTARA

Quem diria que, há três anos, Cleia do Carmo Silva, de 39 anos, tinha medo de cemitério. Hoje, é sepultadora do Areia Branca, em Santos. Com três filhos e dificuldades pra terminar sua casa, foi atrás de cursos de elétrica e pedreiro e azulejista. Assim, ela mesma acabaria o serviço. "Como sou sozinha, os caras sumiam com a grana ou cobravam caro. Aí, aprendi o serviço". E essa experiência lhe garantiu vaga de funcionária pública. Agora, ela carrega caixão, faz exumação e fecha gavetas na massa corrida. Cleia diz que ainda se sensibiliza com as famílias e sempre as abraça. "Visitei cemitérios por 15 dias e vi o trabalho dos sepultadores, antes de começar aqui. Até me perguntaram se eu era da família de um morto".



Cleia, sepultadora do Areia Branca, carrega caixão, faz exumação e fecha gavetas na massa corrida



DIVULGAÇÃO/REDAÇÃO DE

## Luiza manda no portão

É pensando no futuro, em garantir sua chance num plano de carreira, que Luiza Monteiro Tierin dos Santos ocupa hoje o cargo de assistente operadora de gate na Libra. Ela tem 28 anos, é formada em Pedagogia e faz pós-graduação em RH. Isso tudo administrando o trabalho de turno, que pode ser de manhã, à tarde, à noite ou de madrugada. "Eu que cadastro todos os caminhões que circulam por aqui". Luiza começou como vigilante numa empresa terceirizada e, de olho na oportunidade de crescimento, logo aproveitou para se candidatar a vaga de operadora de gate. "Quero crescer aqui cada vez mais".

## Tabatta é quem pilota os veículos pesados

Separada de um casamento de quatro anos e com uma bebê para criar, Tabatta Samira Porta Nova Ferreira não teve alternativa a não ser arrumar um emprego que a fizesse manter a casa. Hoje, aos 34 anos de idade, ela olha para trás e comemora os sete anos como motorista de veículos pesados na Libra. Foi inclusive na empresa que ela reencontrou um amigo de infância, com quem se casou. "Desde pequena queria dirigir caminhão. E olha que ninguém da minha família tem essa profissão. O expediente é de 6 horas, mas, como no caso da maioria das mulheres, ele ainda continua em casa. Cuido das minhas filhas de 8 e 1 ano, do marido e dos sogros". Apesar da rotina agitada e das muitas tarefas, Tabatta não se imagina em uma vida diferente, já que se diz completamente apaixonada pela profissão. "Sempre gostei do que é inusitado. Acho coisa de mulher muito simples. Prefiro aventureiras. Adoro o que faço e não penso em nada diferente. Mulher é muito cuidada e preocupada com a limpeza do equipamento".



DIVULGAÇÃO/REDAÇÃO DE

## Super Márias em ação

Camila de Borba, de 27 anos, ainda trabalhava com venda de caminhão quando decidiu encarar a sociedade do Super Márias. Ela, com a ajuda de outras mulheres, faz pintura de parede, textura, pequenos reparos (como mofo e bolor) e ainda manda ver na massa corrida. Tanto que, na costureira, está o novo uniforme da equipe: macacão azul com a blusa de baixo vermelha ou verde. "Muitas mulheres não aguentam, porque é trabalho pesado. Mas o acabamento é diferenciado porque nós mantemos tudo organizado e limpo. Não ajustamos a casa, fazemos com que ela fique linda", diz Camila.

Serviço: 97405-1900/08\*229647



CARLOS NOGUEIRA